

**DEVO FALAR INGLÊS COMO UM NATIVO? CONCEPÇÕES SOBRE  
ENSINO/APRENDIZAGEM DA PRONÚNCIA**

**SHOULD I SPEAK ENGLISH LIKE A NATIVE? CONCEPTIONS ON  
PRONUNCIATION TEACHING & LEARNING**

**Rodrigo Smaha Lopes**

Docente no Curso de Secretariado Executivo, campus de Toledo. Doutorando e Mestre em Letras pela UNIOESTE/Cascavel.

E-mail: rodrigo\_smaha@hotmail.com

**Maura Bernardon**

Docente no Curso de Secretariado Executivo, campus de Toledo. Doutora em Letras – UFBA, Mestre em Letras/Inglês e Literatura Correspondente – UFSC.

E-mail: maabe70@hotmail.com

Recebido em: 06/03/2017  
Revisado em: 10/04/2017  
Aceito em: 10/05/2017

## **DEVO FALAR INGLÊS COMO UM NATIVO? CONCEPÇÕES SOBRE ENSINO/APRENDIZAGEM DA PRONÚNCIA**

**Resumo:** Tendo em vista que a língua Inglesa é a segunda língua mais falada no mundo, é imprescindível que nós a conheçamos e saibamos utilizá-la eficazmente, sabendo nos expressar de modo inteligível, independentemente das influências da língua-mãe. Neste artigo, voltamos nossa atenção para um dos elementos que compõem uma boa fluência na língua-alvo: a pronúncia, mostrando sua importância na comunicação, quais os aspectos segmentais e suprasegmentais que afetam a pronúncia e que tipo de pronúncia devemos almejar, objetivando, assim, colaborar para as discussões na área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Isto se dá com o apoio de autores como Kachru (1992), Smith (1992), Crystal (2003), Rajagopalan (2004, 2005), Field (2003, 2005), Lima (2009), Rodrigues (2013), entre outros. No que diz respeito à metodologia deste trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica, por meio dos procedimentos descritivo e exploratório. Uma das discussões em destaque aponta que a motivação e ambição auxiliarão o estudante no seu aprendizado e aperfeiçoamento da pronúncia. Ademais, concluímos, por meio desse trabalho descritivo e exploratório, que não há mais, felizmente, o compromisso em aprender um inglês padrão, ou, ainda, buscar a perfeição da pronúncia de um falante nativo, porém devemos almejar uma competência comunicativa que atenda as demandas profissionais/pessoais, isto é, inteligibilidade sob o paradigma do Inglês como Língua Franca (ILF).

**Palavras-chave:** Língua Inglesa. Pronúncia. Comunicação.

## **SHOULD I SPEAK ENGLISH LIKE A NATIVE? CONCEPTIONS ON PRONUNCIATION TEACHING & LEARNING**

**Abstract:** Given that the English language is the second most spoken language in the world, it is imperative that we, speakers in expanding circle, know how to use it effectively, being able to express ourselves intelligibly, regardless of native language influences. In this article, we turn our attention to one of the elements that make up a good fluency in the target language: pronunciation, showing its importance in communication, which segmental and suprasegmental aspects affect it and what kind of pronunciation we should seek, thus aiming at contributing to the discussions in the area of teaching and learning of foreign languages. This is supported by authors such as Kachru (1992), Smith (1992), Crystal (2003), Rajagopalan (2004, 2005), Field (2003, 2005), Lima (2009), Rodrigues (2013), among others. With regard to the methodology of this work, we used bibliographic research, through the descriptive and exploratory procedures. One of the highlighted discussions points out that motivation and ambition will help the student in his or her learning and pronunciation improvement. In addition, we conclude, through this descriptive and exploratory work, that there is no longer a commitment to learn a standard English or to seek perfection with a native speaker pronunciation, but a communicative competence that meets professional/personal demands must be sought, that is, intelligibility under the paradigm of English as a Lingua Franca (ELF).

**Keywords:** English. Pronunciation. Communication.

## 1 INTRODUÇÃO

O estabelecimento do inglês como língua global – “Uma língua alcança status verdadeiramente global quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países” (CRYSTAL, 1997, p. 2) –, ocorreu devido a dois fatores centrais, sendo eles: a expansão do colonialismo britânico, final do século XIX, influenciada pelo poderio econômico da Inglaterra diante da Revolução Industrial e a hegemonia como superpotência alcançada pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra mundial.

Em pesquisa realizada por Crystal (2003) e Schumacher, White e Zanettini (2002 apud LIMA, 2009), estimava-se que haveria 1,5 bilhão de falantes de inglês e os que o possuíam como segunda língua já ultrapassava, em muito, a quantidade de falantes nativos, 450 milhões, comparado aos 350 milhões de falantes nativos, sendo que os 700 milhões restantes seriam os falantes de inglês como língua estrangeira. Em 2008, o número já ultrapassava os 2 bilhões: “[...] depois de ler as avaliações mais sofisticadas de David Graddol e outros, estou disposto a aumentar o valor novamente, agora, na direção de 2 bilhões. Em suma, a população mundial de falantes de Inglês passou [...] de [...] um quarto para um terço.”<sup>1</sup> (CRYSTAL, 2008, p. 5)<sup>2</sup>.

Diante da disseminação da língua inglesa e o fato do idioma possuir diversas variantes diatópicas, é comum nos questionarmos: o que nós, falantes que compõem o círculo em expansão<sup>3</sup> (KACHRU, 1992), devemos fazer: buscar soar o mais próximo de um nativo possível ou o que importa é ser entendido? Devemos buscar um padrão para o inglês falado ou aceitar as variedades e reconhecê-las como legítimas?

Neste momento, atentaremos apenas à pronúncia, a sub-habilidade ou o sistema linguístico mais importante da habilidade fala, que “[...] refere-se à fonologia da língua - ou a percepção significativa e produção dos sons da língua e como elas

---

<sup>1</sup> [...] *having read the more sophisticated assessments by David Graddol and others, I am prepared to revise upwards again in the direction of 2 billion. In short, we have moved [...] from [...] a quarter to a third of the world's population being speakers of English.*

<sup>2</sup> Todas as traduções foram feitas por nós e optamos por trazer o original em nota de rodapé, a fim de facilitar o processo de leitura.

<sup>3</sup> Conforme o modelo de três círculos concêntricos de Kachru (1992), o uso da língua inglesa poderia ser dividido em: *círculo interno*, *círculo externo* e *círculo em expansão*. O interno refere-se àqueles que a língua inglesa é a primeira (e geralmente a única) língua oficial, como, por exemplo: Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. O externo abrange os países que foram colonizados pelo círculo interno, como: Índia, Malásia, Nigéria, África do Sul e Singapura. O em expansão representa aqueles países que utilizam o inglês para fins comerciais e diplomáticos, como o nosso país, a China, Grécia, Arábia Saudita e o Israel.

impactam o ouvinte.”<sup>4</sup> (BURNS; CLAIRE, 2003, p. 5), uma habilidade muitas vezes ignorada ou dada pouca atenção na aprendizagem de um idioma, que faz a diferença no momento da comunicação e contribui, positivamente ou negativamente, na construção da imagem do emissor frente ao receptor, dependendo do nível de conhecimento dos aspectos segmentais e suprasegmentais que compõem um idioma.

Na primeira seção, apresentamos as discussões a respeito dos efeitos da globalização no conceito de falante nativo, inteligibilidade e problemas de comunicação causados pela dificuldade de falantes de outras línguas em pronunciar corretamente os sons do sistema fonológico da língua inglesa. A busca pela resposta de tais questionamentos se realiza com o apoio de autores como Kachru (1992), Smith (1992), Crystal (2003), Rajagopalan (2004, 2005), Field (2003, 2005), Lima (2009), Rodrigues (2013), entre outros. Logo a seguir, descrevemos a metodologia deste trabalho e incluímos algumas sugestões que os professores podem utilizar para ajudar os estudantes a melhorarem sua pronúncia. Finalmente, encerramos o artigo por meio das considerações finais.

## **2 ALMEJAR INTELIGIBILIDADE OU UM SOTAQUE NATIVO?**

Primeiramente, devemos entender a complexa questão do que é o falante nativo, afinal poucos lembram de – ou sabem – mencionar, além dos Estados Unidos e do Reino Unido, os demais países com falantes nativos, como Canadá, Austrália, Nigéria, Irlanda, África do Sul e Nova Zelândia. Fato que ocorre por razões geopolíticas – há, como vimos, um processo histórico vinculado ao imperialismo econômico, político e cultural dos dois primeiros.

Questões ideológicas à parte,

[...] os alunos deveriam ser ensinados que existem formas padronizadas de dizer os sons que compõem as palavras e grupos de palavras. Isto significa que um falante de língua inglesa (britânicos, australianos, americanos, etc.) farão e esperam ouvir os sons e grupos de palavras em uma frase que se encaixam com qualquer uma das variedades padrão de Inglês. Portanto, embora haja flexibilidade na forma como o aluno pode pronunciar em Inglês, caso os **estudantes queiram ser claramente entendidos e capazes de**

---

<sup>4</sup> [...] *refers to the phonology of the language – or the meaningful perception and production of the sounds of that language and how they impact on the listener.*

**compreender facilmente o que os outros estão dizendo, eles devem melhorar a pronúncia.** Os alunos precisam entender que se sua pronúncia for mais natural, a sua audição melhorará<sup>5</sup> (JERSEY, 2005, p. 11, grifo nosso).

Portanto, a ideia de que um falante que desejasse se comunicar fluentemente em uma língua-alvo deveria buscar um sotaque nativo perfeito não condiz ao mundo globalizado em que vivemos – começou a enfraquecer após a primeira metade do século, principalmente com o advento da abordagem comunicativa, que rompeu com os paradigmas de perfeição formal (LIMA, 2009). Além disto, com o avanço das variedades do inglês, é a concepção de inteligibilidade (SMITH, 1992; FIELD, 2003, 2005) que tem ganhado mais força.

Dessa forma, o que se espera não é uma pronúncia perfeita, mas inteligível – um componente essencial da competência comunicativa<sup>6</sup> –, com objetivos realistas e adequados às necessidades de comunicação:

[...] independentemente de um 'sotaque estrangeiro', uma pronúncia ruim leva a ocasionais mal-entendidos. Portanto, as palavras e frases devem ser repetidas devido a graves *erros de pronúncia* ['still' (ainda) soa como 'steel' (aço) e 'ship' (navio) soa como 'sheep' (ovelha)], *sílaba tônica* (palavras são frequentemente acentuadas na sílaba errada, por exemplo, 'content' significando 'satisfeito' versus '**content**' que significa 'conteúdo'), e *cadência das frases* (declarações passam a ter a 'melodia' de perguntas, etc.). [...] uma entonação diferente dos falantes nativos pode fazer com que eles processem e compreendam os falantes não nativos com mais dificuldade<sup>7</sup> (GILAKJANI, 2011, p. 6, grifo nosso).

---

<sup>5</sup> [...] *students should be taught that there are standard ways of saying the sounds that make up words and groups of words. This means that an English speaker (British, Australian, American, etc.) will make and expect to hear sounds and groups of words in a sentence that fit with any one of the standard varieties of English. Therefore, although there is flexibility in the way a learner can pronounce English, if the students want to be clearly understood when they speak English and if they want to be able to easily understand what others are saying, they should improve their pronunciation. Students need to understand that if their pronunciation is more natural, their listening will improve.*

<sup>6</sup> Termo cunhado por Dell Hymes (1971) para demonstrar como as frases eram usadas na comunicação; como nós usamos nosso conhecimento de um idioma para nos comunicar. De acordo com o linguista, quando uma pessoa adquire Competência Comunicativa, ela adquire tanto conhecimento como habilidade para usar o idioma, ela tem que saber como, quando e o porquê de utilizar tais frases.

<sup>7</sup> [...] *regardless of "foreign accent", incorrect or terrible pronunciation leads to occasional misunderstanding. Therefore, words and sentences must be repeated due to serious errors in pronunciation (still sounds like steel and ship sounds like sheep), word accent (words are frequently accented on the wrong syllable, e.g., "content" meaning "pleased, satisfied" versus "content" "that which is contained"), and sentence pitch (statements have the 'melody' of questions, etc.). [...] non-native like stress may make native speakers process and comprehend non-native speakers' speech with more difficulty.*

O que o aprendiz precisa ter em mente é que, independentemente do seu sotaque, uma atenção especial tem que ser dada à articulação de sons em palavras e frases, para que a mensagem pretendida seja transmitida de forma clara, a fim de amenizar os problemas que ocorrem durante a comunicação. Obviamente que, como no exemplo acima: 'ship' e 'sheep', não podemos deixar de lado o papel do contexto. Suenobu, Kanzaki e Yamane (1992 apud RODRIGUES, 2013) apontam que, em uma pesquisa realizada com nativos sobre os não-nativos, quando o contexto da conversação era revelado aos ouvintes nativos, praticamente todo o significado da conversação era passível de compreensão, enquanto que a inteligibilidade do falante não-nativo era afetada quando os nativos não estavam a par do contexto.

Contexto à parte, Ryan e Carranza (1975 apud RODRIGUES, 2013) relatam que falantes nativos tendem a menosprezar falantes não nativos por conta de sua pronúncia, assim como Greenwood (2002) que

[...] sustenta a visão de restabelecer uma pronúncia autêntica, e explica que por causa da tendência de monolinguismo em países que falam inglês, **os falantes tendem a ser menos tolerantes e mais críticos com os falantes de inglês que possuem um sotaque estrangeiro.** Além disto, **o Inglês de falantes não-nativos pode ser incompreensível por outros falantes nativos ou não-nativos, por causa de sua falta de controle sobre as vogais e consoantes da língua-alvo.** Seu discurso pode ser difícil de entender por causa da incapacidade de realizar padrões de entonação e estresse<sup>8</sup> (GREENWOOD, 2002 apud RASHTCHI, 2011, p. 2, grifo nosso).

Contudo, primeiramente, há que se distinguir que o sotaque e a inteligibilidade são duas entidades distintas e que, como consequência da globalização, o fenômeno linguístico sui generis do World English (RAJAGOPALAN, 2004, 2005) cria uma multicentricidade, um pluralismo cultural e uma heterogeneidade linguística ímpar, que diminui a rigidez de outrora, afinal um falante pode ter um sotaque e, mesmo assim, ser compreendido. Em segundo lugar, há que se levar em consideração que cerca de 80% da comunicação em língua inglesa não envolve falantes nativos (PRODOMOU, 1997 apud TIMMIS, 2002), assim, não temos que nos preocupar quanto aos juízos de

---

<sup>8</sup> [...] holds the view of reinstating authentic pronunciation, and explains because of the tendency towards monolingualism in English speaking countries, English speakers tend to be less tolerant and judgmental about English speakers with foreign accent. In addition to these, English of non-native English speakers can be incomprehensible by others whether native or non-native speakers, because of their lack of control over the vowels and consonants of the target language. Their discourse can be difficult to understand because of the inability to perform standard intonation and stress patterns.

valores, mas quanto à: “[...] falta de controle sobre as vogais e consoantes da língua-alvo [...]”<sup>9</sup> (RASHTCHI, 2011, p. 120), o que leva à incompreensão.

Nesse ponto entra, também, a questão do Inglês como Língua Franca (ILF), que reforça o acima exposto, ao tratar que “[...] a língua inglesa é hoje utilizada majoritariamente em situações envolvendo falantes de diferentes línguas maternas e não exclusivamente em interações que tenham como interlocutores privilegiados os falantes nativos [...]” (GIMENEZ et al, 2015, p. 594). Ocorre, assim, a descentralização do modelo de falante nativo e da noção de “propriedade do inglês” ao focar nas situações comunicativas da vida real entre membros de diferentes comunidades. Esse fato pode resultar em mudanças significativas também nas orientações do ensino de inglês. Confirma-se esse aspecto nas palavras de El Kadri (2010, p. 66) em que “[...] a orientação do ensino de inglês muda substancialmente: de correto para apropriado, de normas exclusivas do falante nativo para inclusão global e de maneiras igualitárias de falar que satisfaçam as necessidades locais.”

Tradicionalmente, o ensino da língua inglesa privilegiava o falante nativo, sendo ele a imagem moderna/liberal/sofisticada e, por isto, aqueles que estavam aprendendo o idioma almejavam uma pronúncia Norte-americana ou *Received*<sup>10</sup>. Atualmente, contudo, não “[...] é papel obrigatório do aprendiz manter um sotaque estrangeiro; a opção é dele, de mudar ou não. [...] ele *NÃO TEM DE* falar igual a nenhum nativo [...] não é um dever, mas um direito [...]” (LIMA, 2009, p. 75, grifo do autor), ele deve ter consciência, todavia, de que dentre as diversas variantes, algumas possuem, ainda, mais prestígio/aceitação. Dessa forma, alguns exemplos de nativos que ficariam fora do paradigma de falante nativo seriam: uma londrina branca analfabeta cujo dialeto é o *cockney*, um negro americano cujo dialeto é o *ebonics*, ou até aqueles casos de falantes semianalfabetos ou de escolaridade incompleta (OLIVEIRA, 2015).

Ressaltamos, também, que supervalorizar o falante nativo e, conseqüentemente, querer falar como ele, contribui negativamente para a manutenção da crença de que, para se falar bem o inglês, o aprendiz tem a necessidade de se tornar membro de um desses países; o que faz com que muitos deixem de valorizar sua própria identidade, sua língua-mãe. Essa discussão pode ser

---

<sup>9</sup> [...] *lack of control over the vowels and consonants of the target language.*

<sup>10</sup> *Received Pronunciation* refere-se ao sotaque padrão da língua inglesa utilizado no Reino Unido.

comentada em sala de aula, mostrando aos estudantes exemplos de diferentes sotaques ou variações, mas que, nem por isto, devemos abandonar o trabalho do aperfeiçoamento linguístico da oralidade e da produção inteligível dos sons.

Deixando o contexto e o sotaque de lado, o falante de língua inglesa necessita, conforme nos coloca Morley (1991, apud JERSEY, 2005, p. 1, grifo nosso),

[...] desenvolver **inteligibilidade funcional** (capacidade de fazer-se relativamente fácil de entender), **comunicabilidade funcional** (capacidade para atender as necessidades de comunicação), **auto-confiança**, e **habilidades de monitoramento do discurso e estratégias de modificação da fala**. Portanto, é vital que os alunos, ao aprenderem inglês para a comunicação internacional, aprendam a falar o mais inteligível e compreensível possível - **não necessariamente como nativos, mas bem o suficiente para serem compreendidos**.<sup>11</sup>

Este “ser entendido” pode ser resumido, de acordo com Field (2003), em dois conceitos: inteligibilidade e compreensibilidade. O primeiro se refere à ideia de produzir sons que sejam reconhecidos como integrantes da língua inglesa e à medida que o conteúdo de uma mensagem é reconhecível; o segundo significa que o ouvinte tem que conseguir entender o sentido do que está sendo dito, graças a uma combinação de um vocabulário, sintaxe e pragmática apropriados e do conhecimento básico das características da pronúncia.

O conceito mais aceito, contudo, de inteligibilidade é o de Smith (1992), que divide o processo de compreensão em três fases: primeiramente há que se reconhecer palavras e sentenças (intelligibility), então, compreender o significado de tais palavras e sentenças (comprehensibility) e, finalmente, interpretar o significado/a intenção por trás das palavras do falante (interpretability).

Logo, uma pronúncia que seja facilmente reconhecida (inteligível e compreensível) é essencial na comunicação e os falantes são mais propensos a se comunicarem efetivamente, mesmo com erros de gramática e vocabulário: “[...] com uma boa pronúncia, um falante é inteligível apesar de outros erros; com uma pronúncia ruim, compreender um falante vai ser muito difícil, apesar de precisão em

---

<sup>11</sup> [...] to develop **functional intelligibility** (ability to make oneself relatively easily understood), **functional communicability** (ability to meet the communication needs one faces), **increased self-confidence**, and the **speech monitoring abilities** and **speech modification strategies**. Therefore, it is vital that students learning English for international communication learn to speak it as intelligibly and comprehensibly as possible – **not necessarily like natives, but well enough to be understood**.

outras áreas.”<sup>12</sup> (FRASER, 2000, p. 7). Isto vai ao encontro do exposto nas pesquisas de Hinofotis e Baily (1980), ao afirmarem que o que prejudica severamente o processo de comunicação em inglês é a pronúncia e não o vocabulário ou a gramática. Além disto,

A pronúncia é uma parte integrante da aprendizagem de línguas estrangeiras, uma vez que afeta diretamente a competência comunicativa dos aprendizes, bem como o desempenho. Habilidades de pronúncia limitadas podem diminuir a auto-confiança dos alunos, restringir interações sociais e afetar negativamente as considerações de credibilidade e habilidades de um falante<sup>13</sup> (GILAKJANI, 2012, p. 1).

Portanto, por mais que um falante tenha um grande conhecimento em sua área de estudo/trabalho, uma pronúncia ruim pode dificultar a comunicação e a chance de causar uma boa impressão, comprometendo a sua credibilidade. Assim sendo, uma pronúncia inteligível é base para uma comunicação eficaz – não só em inglês, mas em qualquer idioma.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo se pautou na pesquisa bibliográfica e descritiva, buscando publicações que esclarecem os principais conceitos e discussões sobre o tema da pronúncia. Deste modo, ele se enquadra em uma abordagem qualitativa em função do tipo de dados, que são os livros e artigos que tratam sobre a habilidade oral e os desafios que essa área traz para a sala de aula de língua inglesa. Também, nesse tipo de pesquisa, tentamos interpretar os fatos e as práticas materiais e interpretativas no ambiente em que elas se apresentam, sem qualquer interferência ou manipulação dos dados por parte do pesquisador (DENZIN & LINCOLN, 2006). A busca pela resposta de tais questionamentos se realizou com o apoio de autores como Kachru (1992), Smith (1992), Crystal (2003), Rajagopalan (2004, 2005), Field (2003, 2005), Lima (2009), Rodrigues (2013), entre outros. Focamos nos aspectos segmentais e

---

<sup>12</sup> [...] *with good pronunciation, a speaker is intelligible despite other errors; with poor pronunciation, understanding a speaker will be very difficult, despite accuracy in other areas.*

<sup>13</sup> *Pronunciation is an integral part of foreign language learning since it directly affects learners' communicative competence as well as performance. Limited pronunciation skills can decrease learners' self-confidence, restrict social interactions, and negatively affect estimations of a speaker's credibility and abilities.*

supra-segmentais que são abordados no ensino da habilidade oral, nas dificuldades que os estudantes brasileiros podem encontrar ao trabalhar com a pronúncia e no papel do professor nesse processo. Por último, selecionamos algumas sugestões de como integrar a fonologia ao cotidiano da sala de aula.

#### **4 COMO MELHORAR A PRONÚNCIA?**

Ter conhecimento de fonética pode ser de grande valia, ouvir os sons e praticar constantemente será altamente benéfico. A maioria das habilidades necessárias para uma boa aquisição de uma língua são aprendidas por meio de uso prático. Ouvir falantes nativos é, de longe, o método mais eficiente. Ademais, “[...] o aprendiz precisa saber que melhorar a pronúncia pode ter grande significância e importância, uma vez que apoia alguns aspectos como a compreensão oral, escrita, leitura e gramática.”<sup>14</sup> (WONG, 1993, p. 45).

Todavia, há controvérsias, entre os estudiosos, tanto em relação aos problemas que mais influenciam na incompreensão ou compreensão distorcida, quanto a quais aspectos de pronúncia deveriam ser enfatizados em sala de aula.

Conforme Lima (2009), as vogais, ou os aspectos segmentais (vogais e consoantes) seriam os grandes vilões entre os erros no momento da pronúncia, como, por exemplo, *sheep* /ʃi:p/ (ovelha) e *ship* /ʃɪp/ (navio), porém, para qualquer fonema, há que se atentar apenas para os casos que causem prejuízos à compreensão. Todavia, Rodrigues (2013) verificou em suas pesquisas que os aspectos suprasegmentais (acentuação, pausa, entonação, velocidade) são apontados na literatura como causadores predominantes de problemas, tanto de entendimento quanto ensino:

Com relação ao círculo exterior e em expansão, várias análises indicam que a falta de reconhecimento suprasegmental tem o efeito mais negativo sobre a inteligibilidade nas interações. Portanto, especialistas sugerem a conexão entre aspectos suprasegmentais, inteligibilidade e o estudo dos aspectos suprasegmentais no ensino de inglês. Investigações sobre inteligibilidade de fala apontam que elementos suprasegmentais [...] afetam na compreensão da comunicação (RODRIGUES, 2013, p. 103).

---

<sup>14</sup> [...] *the student needs to know that improving pronunciation may have greater significance and importance as it supports some aspects like listening comprehension, spelling, reading, and grammar.*

O ponto central, portanto, é que ao praticar e atingir uma pronúncia inteligível, o aprendiz aumentará sua autoconfiança e isto o possibilitará melhor compreender as informações a ele repassadas na língua-alvo, o que pode, sim, ser alcançado, desde que ele tenha consciência de que a pronúncia é uma habilidade tão importante quanto a leitura e a escrita, por exemplo.

Há que se levar em consideração, contudo, que

[...] A maioria das evidências de diferentes pesquisas e na literatura indica que os alunos que já passaram da puberdade não conseguirão adquirir uma pronúncia autêntica de uma segunda língua, uma vez que os músculos de articulação já perderam sua flexibilidade para serem capazes de fazer novos sons que não estavam presentes na primeira língua<sup>15</sup> (RASHTCHI, 2011, p. 119).

Assim, estudar um idioma e, conseqüentemente, a pronúncia correta das palavras se torna mais difícil para os adultos, pela razão vista acima e por se sentirem frustrados e envergonhados na hora de se comunicar. Muitos adultos, mesmo depois de anos aprendendo o idioma, têm dificuldades com a pronúncia e outros nem mesmo sabem que estão cometendo equívocos na língua-alvo.

Todavia, como afirma Holden (2009, p. 104), “[...] trabalhar a pronúncia não precisa ser difícil ou enfadonho. É claro que alguns aproveitarão mais do que outros, da mesma maneira que alguns terão mais êxito, talvez porque tenham um “ouvido melhor [...]”. Nesse sentido, o professor é um dos grandes responsáveis pelo ensino da pronúncia, porém

[...] Os fatores que acabam por ser importantes para a pronúncia correta são aqueles que os professores têm a menor influência sobre. A língua nativa, o fator mais importante, resulta de um acidente histórico. O mesmo vale para a capacidade do aluno em imitar sons estrangeiros, que está além do controle do professor [...]<sup>16</sup> (PURCELL; SUTER, 1980; PICA, 1994 apud LYNCH; ANDERSON, 2012, p. 3).

A pronúncia do professor não deveria/deve, entretanto, ser o único, nem o principal modelo para os alunos (LIMA, 2009). Além disto, considerando o pouco

---

<sup>15</sup> *Most of the evidence from different research and literature indicates that learners beyond the age of puberty cannot acquire authentic pronunciation of a second language, because the articulation muscles have already lost their flexibility to be able to make new sounds which has not been in the first language.*

<sup>16</sup> *The factors which turn out to be important for accurate pronunciation are those which teachers have the least influence on. Native language, the most important factor, results from historical accident. Similarly, the learner's ability to imitate foreign sounds is beyond the control of the instructor.*

tempo em sala de aula, o número de alunos e as demais necessidades da linguagem, “[o] professor de língua inglesa [...] muitas vezes tem de decidir quais recursos da linguagem, por um lado, são importantes e, portanto, merecem o tempo de aula precioso e que, por outro lado, são relativamente sem importância e podem ser ignorados até um nível mais avançado.”<sup>17</sup> (BROWN, 1988, p. 593), devendo ele, pois, voltar-se as “[...] ‘palavras que causam estranhamento ou incompreensão no outro’; [ou] palavras que [...] geram a compreensão de uma mensagem diferente daquela que foi pretendida originalmente pelo falante [...]” (LIMA, 2009, p. 72).

Eis o momento que motivação e ambição auxiliarão o aprendiz fora do ambiente de ensino, afinal, ele não pode ser passivo no processo de ensino-aprendizagem. Ele tem que se questionar: Quais sons em inglês representam dificuldades de pronúncia para mim? O que posso fazer para praticá-los e, conseqüentemente, melhorá-los? E, assim, buscar soluções tanto em sala de aula como fora dela.

Ainda, é preciso ter em mente que embora nossa variação de sotaques seja bastante rica, há padrões de dificuldades de pronúncia, como os sons que não existem em português: as consoantes fricativas e interdentais (dígrafo *th* de *thanks* -surda e *there* - sonora); o acréscimo da letra E no final de palavras como *name*, a pronúncia da palavra *coffee* (em que há uma redução no final e que é pronunciada como a palavra *cough*). A palavra *eraser*, pronunciada com a fricativa alveolar sonora /z/ em vez da surda /s/ (OLIVEIRA, 2015). Também em Rauber e Koerich (2004), outros problemas apontados para estudo são as palavras que terminam em consoantes, os encontros consonantais do /s/, o //final, as nasais e as palavras com o h não-tônico<sup>18</sup>.

Da mesma forma, devemos reforçar a explicação de que na língua portuguesa há oito sons vocálicos e seis ditongos, contra doze e dez na língua inglesa. Como no caso do /i/, que pode se transformar em /ai/, /i/, /i:/, o que facilitaria a conscientização das diferenças fonológicas entre os dois idiomas, entre outros (GUEDES, 2009).

---

<sup>17</sup> [t]he ELT teacher [...] must often decide which features of language, on the one hand, are important and therefore merit precious class time and which, on the other hand, are relatively unimportant and may be overlooked until a more advanced stage.

<sup>18</sup> English words that end in a consonant; (2) the /s/ clusters, (3) the final //, (4) the nasals, and (5) unstressed h words.

## **5 A PRONÚNCIA EM AMBIENTES DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Iniciamos esta seção fazendo uma distinção entre os contextos de ensino de língua inglesa, dos quais se destacam as escolas de idiomas e o ensino regular nas escolas públicas de ensino fundamental e médio.<sup>19</sup> O primeiro contexto tende a alcançar resultados mais positivos, ao se tratar da habilidade da fala, por questões do número reduzido de alunos e motivação daqueles que buscam essas escolas com o intuito de aperfeiçoar um idioma. Já, nas escolas públicas, principalmente, vários são os quesitos apontados que dificultam as práticas orais no aprendizado do inglês, como as dificuldades de recursos tecnológicos, o nível de proficiência dos professores e o número excessivo de alunos em sala de aula.

Outro fator que tem preocupado os professores neste contexto são os livros didáticos para o ensino de inglês. A maioria dos livros que utilizamos são produzidos por editoras estrangeiras, e, portanto, não apresentam os principais problemas que os aprendizes brasileiros costumam ter ao produzirem os sons nesse idioma. Assim, o professor fica responsável pelo planejamento de atividades voltadas para tais problemas (OLIVEIRA, 2015).

Esse último quesito nos chamou a atenção para explorar, então, quais gêneros orais podem ser trabalhados em sala de aula, além das práticas de frases soltas e exercícios gramaticais. Uma prática bastante comum é o uso dos jogos e da música, dependendo da faixa etária e do contexto de ensino. Para os jogos, citamos o uso do *phonemic chart* servindo de tabuleiro, jogos de “YES or NO”, uso de cartões contendo figuras e objetos, e bingo (GUEDES, 2009).

Embora criticada por alguns, a música têm sido uma ferramenta bastante empregada no ensino de línguas, pois reduz a ansiedade no aprendizado, além de trabalhar as questões afetivas e culturais. Podemos, por exemplo, focar na pronúncia de palavras que se quer chamar a atenção, redução das vogais e omissão de sons consonantais, entre outros (GOBBI, 2001).

Portanto, essas e outras ferramentas podem ser utilizadas como recursos desde que sejam condizentes com a faixa etária dos estudantes, pois ajudam a criar

---

<sup>19</sup> Não comentaremos sobre o contexto de ensino nas escolas particulares, por não termos experiência nessa área e nem tampouco realizado a pesquisa sobre o tema nessa direção. Sugerimos futuros estudos voltados para esse contexto.

um clima de cumplicidade e autoconfiança. O importante é ficar atento ao perfil dos estudantes. Explicações metalinguísticas do uso correto nem sempre são de valia para crianças iniciando a escola, ao contrário de estudantes em idade adulta, como os universitários, em que essas explicações o ajudarão no seu processo de correção. Mudança no tom de voz, gestos ou expressões faciais são sinais que o professor pode utilizar para informar aos estudantes que ele foi compreendido, mas que poderia ter sido feito de uma forma mais apropriada (LIGHTBROWN; SPADA, 1999).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista o mundo globalizado em que vivemos, é necessário que, ao entrar em contato com um novo idioma, em nosso caso, a língua inglesa, o aprendiz desenvolva habilidades e mude seus comportamentos e atitudes para que o processo de construção de conhecimentos não se torne um empecilho e ele possa transferir efetivamente seus conhecimentos da língua materna à língua-alvo. Contudo, ao mesmo tempo em que o processo de globalização aproxima as culturas e institui uma língua para comunicação internacional, um processo de homogeneização, há que se ter “[...] uma decisão mais firme de preservar e proteger a própria herança linguística e cultural [...]” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 135).

A preocupação para com a pronúncia é muitas vezes o resultado de motivações pessoais e atitudes estabelecidas antes mesmo do estudante entrar na sala de aula. É tal motivação para aprender o idioma – conseguir se expressar nas mais diversas situações – que determinará se ele melhorará seu desempenho na língua-alvo. Enfim, ter uma meta para aprender a língua inglesa influenciará na necessidade ou desejo de se ter uma pronúncia inteligível. Nesse sentido, vimos que não há mais, felizmente, o compromisso em aprender um inglês padrão, ou, ainda, buscar a perfeição do sotaque/pronúncia de um falante nativo, o que se deve almejar é uma competência comunicativa que atenda as demandas profissionais/pessoais. Portanto, o conceito-chave da conclusão desse estudo se volta à inteligibilidade, sob o paradigma do inglês como língua franca.

Ademais, as pesquisas focadas nos problemas da pronúncia de sons em língua inglesa pelos falantes do português brasileiro continuam relevantes no contexto de ensino/aprendizagem, especialmente em cursos de Letras – graduação e pós-

graduação, pois esses professores poderão facilitar o aperfeiçoamento da pronúncia de seus futuros alunos. Para além da sala de aula, com o advento da internet e sites de tradução, que incluem a pronúncia das palavras, essa área ganhou um espaço considerável, abrindo novas vagas de emprego para os estudiosos da linguística e tradução.

Finalmente, concluímos que o processo da fala é bastante complexo, pois envolve uma boa pronúncia na fala encadeada, o conhecimento linguístico, enciclopédico e textual, precisão gramatical e a fluência. Todos esses aspectos devem ser considerados nos contextos de ensino de língua, além das características pessoais do aprendiz, tal como a motivação e as barreiras psicológicas.

## **REFERÊNCIAS**

BROWN, A. Functional Load and the Teaching of Pronunciation. **TESOL Quarterly**, v. 22, 4. ed., 1988, p. 593-606.

BURNS, A.; CLAIRE, S. **Cleary Speaking**: Pronunciation in action for teachers. Australia: AMEP Research Center, Macquaric University, 2003.

CRUZ, N. C. **Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional**. **Revista Intercâmbio**, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. 2. ed. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2003.

FIELD, J. The fuzzy notion of 'intelligibility': a headache for pronunciation teachers and oral testers. **IATEFL Special Interest Groups Newsletter**, 2003. p. 34-38.

FIELD, J. Intelligibility and the listener: the role of lexical stress. **TESOL Quarterly**, v. 39, 2005. p. 399-423.

FRASER, H. **Coordinating improvements in pronunciation teaching for adult learners of English as a second language**. Canberra: DETYA, 2000.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa – Teorias e abordagens**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed. 2006.

EL KADRI, M. S. Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês. **Entretextos**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 64-91, jul./dez. 2010.

GILAKJANI, A. P. A Study of Factors Affecting EFL Learners' English Pronunciation Learning and the Strategies for Instruction. **International Journal of Humanities and Social Science**. v. 2, n. 3; February, 2012.

GILAKJANI, A. P. A Study on the Situation of Pronunciation Instruction in ESL/EFL Classrooms. Macrothink Institute. **Journal of Studies in Education**. v.1. n. 1. 2011.

GIMENEZ et al. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 593-619. 2015.

GUEDES, S. **Transferência fonológica no ensino de língua inglesa**. In: LIMA, D. C. L. (Org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Conversas com Especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRADDOL, D. **The future of English**. London: United Kingdom: The English Company, 2000.

HINOFOTIS, F.; BAILY, K. American undergraduate reaction to the communication skills of foreign teaching assistants, **TESOL 80: Building Bridges: Research and Practice in TESL**, Alexandria, V.A. 1980.

HOLDEN, S. **O Ensino da Língua Inglesa nos Dias Atuais**. 1. ed. São Paulo: Special Books Service, 2009.

JERSEY, M. M. **Theoretically-based Practical Recommendations for Improving EFL/ESL Students' Pronunciation**. J. King Saud Univ., v. 1. 18, Lang. & Transl., Riyadh, 2005.

OXENDEN, C.; LATHAM-KOENIG, C. **American English File – Elementary Student's Book**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2013.

LIGHTBROWN, P.; SPADA, N. **How languages are learned**. Oxford. OUP. 1999.

LIMA, J. R. Correção de pronúncia e a identidade do aluno de letras. In: LIMA, Diógenes Cândido de Lima (org). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Conversas com Especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LYNCH, T.; ANDERSON, K. **Effective English Learning**. ELTC self-study materials. Edinburgh: English Language Teaching Centre, University of Edinburgh, 2012.

MORLEY, J. The pronunciation component in teaching English to speakers of other languages. **TESOL Quarterly** 25, 1991, p. 481–520.

OLIVEIRA, L. A. **Aula de Inglês: do planejamento à avaliação**. Parábola. São Paulo. Editorial. 2015.

RAJAGOPALAN, K. The concept of “World English” and its implications for ELT. **ELT Journal**, v. 58, n. 2, p. 111-117, 2004.

RAJAGOPALAN, K. **Non-native speaker teachers of English and their anxieties: Ingredients for an experiment in action research**. In: Lilurda, E. (org). *Non-Native Language Teachers: Perceptions, Challenges, and Contributions to the Profession*. Boston: Springer, v. 1, 2005, p. 283-303.

RAUBER, A. S., KOERICH, R. D. Accurate pronunciation for efficient communication. **Revista Expectativa**, v.3, p.145-151, 2004.

RASHTCHI, M. Teaching Authentic English Pronunciation. **Journal of Edupres**. v. 1. September, 2011, p. 119-124.

RODRIGUES, E. N. **Um breve estudo da Inteligibilidade no Contexto de World Englishes**. Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp. **Acta Científica**, Engenheiro Coelho, v. 22, n. 1, p. 93-107, jan/abr 2013.

SMITH, L. E. Spread of English and issues of intelligibility. In: B. B. Kachru (Ed.). **The other tongue: English across cultures**. Urbana: University of Illinois Press, 1992. p. 27-47.

TIMMIS, I. Native-speaker norms and International English: a classroom view. **ELT Journal**. Volume 56/3 July, Oxford University Press, 2002.

TOMKOVÁ, K. The Perception of Non-Native Pronunciation of English by Native Speakers. **Theory and Practice in English Studies 3: Proceedings from the Eighth Conference of British, American and Canadian Studies**. Brno: Masarykova univerzita, 2005.

WONG, R. Pronunciation Myths and Facts. **Forum**, v. 31, n. 4, 1993, p. 45–46.